

O ENCONTRO ENTRE HOMEM E DEUS NA ÉTICA DE BARUCH ESPINOSA

THE CONVERGENCE BETWEEN THE HUMAN BEING AND GOD IN BARUCH SPINOZA'S ETHICS

Gabriela Fréz Mion¹

Resumo: O presente estudo aborda a situação de convergência do humano com o divino por meio da razão, no pensamento de Baruch Espinosa. Tem como objetivo maior compreender a possibilidade do homem experienciar da eternidade de Deus através de ideias adequadas. Antes de tudo, é fundamental compreender a ideia de Deus para Espinosa, como substância única e equivalente à natureza. Em seguida, é preciso entender os gêneros do conhecimento humano descritos por Espinosa, com destaque à razão e às ideias adequadas, que são também conceitos imprescindíveis para compreensão da ética proposta pelo autor. Então, é possível visualizar a conexão que se faz entre a substância e o homem, quando este experimenta da eternidade de Deus por meio do conhecimento adequado. A metodologia constitui-se basicamente de pesquisa bibliográfica. O ser humano, como manifestação concomitante de dois atributos da substância, é um modo finito que participa da infinitude divina. Ocorre que, além disso, a obra de Baruch Espinosa revela a possibilidade de o homem provar da eternidade, com seu corpo e mente, sempre que atinge os ditos conhecimentos adequados e obtém uma compreensão sob a perspectiva da eternidade – o que é originalmente designado pelo termo *sub specie aeternitatis*.

Palavras-chave: Gêneros do conhecimento. *Ética* de Baruch Espinosa. *Sub specie aeternitatis*. Adequação e eternidade em Espinosa.

Abstract: This study discusses the convergence between the human being and the divine experiences through reason, regarding the thinking of Baruch Spinoza. Its main objective is to investigate the possibility of humans experiencing the eternity of God through adequate ideas. First, it is essential to understand Spinoza's idea of God, as a unique and equivalent substance to nature. Then, it is necessary to comprehend the kinds of human knowledge described by Spinoza, highlighting reason and adequate ideas, which are key concepts for understanding the ethics proposed by the author. Thus, it is possible to visualize the connection that happens between the substance and humans, whenever they experience the eternity of God through adequate knowledge. The methodology consists of bibliographic research. Human beings, as a concomitant manifestation of two attributes of the substance, are a finite mode that participates in the divine infinity. In addition, the work of Baruch Spinoza reveals the possibility for humans to experience eternity, with their body and mind, whenever they reach adequate knowledge and obtain an understanding from the perspective of eternity – which is originally designated by *sub specie aeternitatis*.

Keywords: Kinds of knowledge. *Ethics*. *Sub specie aeternitatis*. Adequacy and eternity in Spinoza.

¹ Mestranda em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo/PR. E-mail: gabifrezmion@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6721-3551>.

1. Introdução

O raciocínio teórico de Baruch Espinosa, com o *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar* (1660), consolidado posteriormente com a obra *Ética Demonstrada À Maneira dos Geômetras* (1675), referida também somente por *Ética*, inicia-se pelo capítulo intitulado De Deus. Melhor dizendo, segundo as observações de Gilles Deleuze (2019, p. 90), antes de adentrar efetivamente na conceituação de Deus, Espinosa inicia a *Ética* com as perspectivas ontológicas. Percorrendo o trajeto para a ética, o autor discorre então sobre a mente humana, em sequência sobre os afetos e suas interferências, para chegar, por fim, ao ser ético e livre.

Tendo em vista a fundamentação moderna, a teoria de Espinosa (2004, p. 152) embasa-se na noção do universo operante por um encadeamento de causas e efeitos², em que há dependência necessária entre fator precedente e consequência; juntamente com a noção da tríade metafísica. A substância compreende toda a realidade física e metafísica; e exprime sua essência através de seus atributos. As manifestações da substância consolidam-se em modos, que são, por sua vez, finitos, e compõem essa extensa sucessão de causalidades do mundo.

Dessa maneira, todo elemento presente no campo da existência é uma forma de manifestação da substância. Descreve na Proposição 15 da I Parte: “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido” (ESPINOSA, 2004, p. 166).

Cada indivíduo é uma modificação particular dos atributos *res extensa* e *res cogitans*: extensão e pensamento. Ou seja, o psíquico e o corpóreo, em relação de igualdade, compõem a unidade psicofísica³. A respeito da temática, Chantal Jaquet (2011, p. 31) sintetiza que a potência de pensar é simultânea e igual à potência de agir, tanto no homem quanto em Deus, havendo “identidade de ordem causal”.

Precursor e influente para o pensamento de Spinoza, René Descartes, na busca pela verdade, utilizava da dúvida hiperbólica para remover quaisquer conhecimentos que não pertencessem à razão, conforme descrito no *Discurso do Método* (1996, p. 23):

² Axioma IV da I Parte.

³ Sobre a identidade de ordem causal na relação entre corpo e mente: “E, assim, quer concebamos a Natureza sob o atributo da extensão, quer sob o atributo do pensamento, quer sob outro atributo qualquer, encontraremos sempre uma só e a mesma ordem, por outras palavras, uma só e a mesma conexão de causas, isto é, encontraremos sempre as mesmas coisas seguindo-se uma das outras” (ESPINOSA, 2004, p. 229).

“(…) e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida”.

Em contraposição a isso, a teoria espinosana envolve também a irracionalidade e os erros no processo de conhecimento humano. Afinal, o conhecimento imaginativo é natural ao homem. Segundo a explicação de Gilles Deleuze (2019, p. 45), o ser humano está sujeito a formar ideias-afecções, que são “as representações de efeitos sem as suas causas” – ideias inadequadas, para Espinosa. Contudo, é a razão o elemento apto a fornecer adequação, tanto às ideias quanto aos afetos humanos, através da compreensão das causas e não tão somente dos efeitos que percebemos.

No que diz respeito às afecções, a dinâmica descrita pelo filósofo entende cada unidade corpo-mente como um modo particular, e eles se afetam reciprocamente. Trata-se de uma dinâmica exatamente porque o homem flutua entre situações de acordo com o exercício do seu *conatus*. Toda vez que o mundo afeta o homem, lhe provoca aumento ou diminuição da potência de agir, conforme houver expansão ou supressão do *conatus*, respectivamente. Apesar de ter papel imprescindível na ética espinosana, a dinâmica dos afetos não é objeto principal do presente estudo; por ora, basta a noção do seu funcionamento.

Entretanto, não há como prosseguir na questão do vínculo entre homem e Deus sem a ciência do *conatus*⁴, essência atual e individual do homem, esforço empreendido para se preservar no ser. Está propenso a variações consoantes às interações e afecções provocadas pelo mundo: afetos que causam reverberação positiva no *conatus* são considerados alegria, aumentam a potência de agir. Enquanto a reverberação negativa no *conatus*, ou tristeza, causa diminuição da potência de agir (ESPINOSA, 2004, p. 285).

Seguindo por esse caminho, Espinosa identifica paixões – referente à passividade das nossas reações perante o mundo – que escravizam e refreiam a potência do ser. Expõe como solução a abstenção de causas externas, priorizando o uso da adequação para viver e ser causa das próprias ações. Nesse sentido, os próprios afetos, quando adequados, que têm força para combater as paixões. Merece destaque o papel da razão, que é a responsável por criar afetos ativos, adequados, e por permitir o conhecimento do que é útil ao seu *conatus*.

⁴ “Toda a coisa se esforça, enquanto está em si, por preservar no seu ser” (ESPINOSA, 2004, p. 283).

Por fim o filósofo esclarece sua concepção ética, como o caminho que conduz à liberdade, dentro de um universo que funciona na necessidade. Mais uma vez, apresenta a razão como o meio para um ser mais feliz e, conseqüentemente, mais ético. A razão, ao operar junto ao *conatus*, nos concede afetos ativos, gera felicidade e aumenta a potência do ser. É a potência do intelecto conduzindo o homem à liberdade que lhe cabe.

É dessa maneira que Espinosa demonstra geometricamente uma ética que nega a presença do livre-arbítrio, dos fins, do bem e do mal. Preza pelo conhecimento racional como possibilidade de libertação do peso das paixões que o mundo nos dá – isto é, “fazer do conhecimento o *afeto mais potente*” (NIETZSCHE, 2007, p. 137, grifo do autor). Busca pela adequação das ideias na construção de um ser feliz, ético e cada vez mais próximo à beatitude.

2. O Deus espinosano

A concepção de Deus trazida por Espinosa é bastante distinta do tradicional religioso, pois afasta as noções daquele ente criador, que serve de propósito para a moralidade humana, que é também afetado por emoções, que cobra, julga e pune. O Deus espinosano não é antropomorfizado e não é transcendente. Pelo contrário, trata-se de um Deus imanente, correspondente ao conceito de substância, também sinônimo de natureza – o que revela o direcionamento panteísta do filósofo.

Deus é substância, única, que é eterna, infinita, perfeita, causa de si, imanente e necessária. Aqui Deus corresponde às leis da natureza⁵ e nada existe além da substância para reger o funcionamento do mundo. A substância compreende não somente tudo que se conhece, mas tudo que existe, dado que sua essência é justamente a existência, conforme pontua Espinosa na Proposição 7 da I Parte (2004, p. 156): “À natureza da substância pertence o existir”.

O pensador reflete sobre a necessidade absoluta das coisas, vez que, em decorrência das noções de perfeição, unicidade e infinitude de Deus, nada poderia ser diferente. Por certo, cabe mencionar que as coisas finitas, entendidas como *natura naturata*, estão sempre inseridas em causalidades, – são sempre efeitos gerados por

⁵ Sobre a correspondência entre Deus e as leis da natureza, diz Deleuze (2019, p. 153-154): “De acordo, existem as leis. Estas leis são as leis da natureza e então, quando falamos de revelação divina, não há nada de misterioso. A revelação divina é a exposição das leis. Spinoza chama lei a uma composição de relações. Isso é o que se chamará lei da natureza”.

outras causas – portanto, não são livres. Assim, somente Deus concilia a necessidade com liberdade, eis que é *causa sui* e necessário por sua própria natureza, sendo determinado a agir unicamente por conta própria (ESPINOSA, 2004, p. 172).

Outra característica importante da substância espinosana é a infinitude, que consiste na igualdade entre potência e ato. Interessa ressaltar que, apesar de atribuir infinita potência a Deus, Espinosa afasta a possibilidade de vontade divina, justamente porque a perfeição divina faz imperar a necessidade das coisas. Aliás, a infinita potência da substância corresponde de forma idêntica à realidade do mundo, não havendo qualquer possibilidade de ser além do que já se é. Assim esclarece Emanuela Scribano (2020, p. 93):

Deus, para usar a expressão de Spinoza, é a causa imanente do universo e o universo é uma consequência necessária da natureza divina. Deus não pode produzir coisas diferentes, nem em menor ou maior número do que aqueles que necessariamente decorrem de sua natureza infinita⁶.

Logo, resta condenada qualquer ideia de finalismo: o universo não opera à vista de fins específicos, tampouco há qualquer fim além de si mesmo. Nesse sentido, Scribano (2020) explica que esse finalismo antropocêntrico é o responsável pela equivocada crença da transcendência, liberdade e providência divina. O pensamento de Espinosa não afasta o finalismo somente das ações de Deus, mas também das ações dos homens, que tampouco agem por motivo de fins⁷.

Por fim, merece destaque outra questão da teoria de Espinosa, que contempla a eternidade divina. A substância, cuja essência é o existir, está fora dos conceitos de tempo, sequer pode ser medida pela temporalidade humana. Como consequência desse raciocínio, entende-se que em Deus não há mudança; por certo, Deus é sempre igual a si mesmo. A eternidade divina será tratada com mais profundidade no item 4.

⁶ No original: “Dio, per usare l’espressione di Spinoza, è causa immanente dell’universo e l’universo è una conseguenza necessaria della natura divina. Dio non può né produrre cose diverse, né in numero minore o maggiore di quelle che seguono necessariamente dalla sua natura infinita” (SCRIBANO, 2020, p. 93).

⁷ No original: “Spinoza esaspererà poi il rifiuto cartesiano di utilizzare le cause finali in fisica. Per giustificare questo rifiuto, Descartes si era limitato a sostenere che non è possibile conoscere i fini di Dio. Per Spinoza, invece, né Dio né l’uomo agiscono in vista di fini. L’attribuzione di fini a Dio è frutto di un pregiudizio antropocentrico, lo stesso che ha originato la credenza in un Dio trascendente, libero e provvidente” (SCRIBANO, 2020, p. 93).

3. O conhecimento e o homem

Partindo da premissa que o homem é modo de manifestação da substância, matéria e pensamento, cumpre entender o humano como finito e imperfeito por condição da própria natureza. Por esse motivo que a imaginação, primeiro gênero de conhecimento⁸ na teoria de Espinosa (2004, p. 259-260), pertence exclusivamente ao ser humano; enquanto os outros dois gêneros que estão ao alcance do homem, razão e intuição, são conhecimentos adequados e, portanto, inerentes à substância.

A *imaginação* pode ser considerada um reflexo mais imediato das nossas percepções psicofísicas do mundo, que são, em sua maioria, percepções parciais, compostas por juízos e eivadas de subjetividade e passividade. O conhecimento imaginativo, segundo Deleuze (2019, p. 45) entende o universo somente por seus efeitos.

Ocorre que, diante da grande quantidade ideias parciais, a imaginação se vale da associação de ideias e das noções universais para completar os conhecimentos e, assim, viabilizar um ordenamento coerente. De modo breve, podemos dizer que o gênero imaginativo é o responsável por considerar o funcionamento do universo como contingente e o homem como livre. Aqui reside a superstição, o preconceito, a opinião, a memória, o sonho (ESPINOSA, 2004, p. 258-259).

Entretanto, não deixa de ter coerência lógica; aliás, a imaginação segue um encadeamento razoável de ideias. Seu maior problema é, de fato, a inadequação: a formulação de verdades com base em ideias incompletas, por meio de associações. O homem imagina porque, como ser finito, não tem capacidade para verificar a gênese de todas suas ideias. Para isso, precisaria conhecer todas – e somente – ideias adequadas, o que não lhe é possível.

O segundo é o gênero da *razão*, argumentativo. É o conhecimento trabalhado pelo intelecto. Aqui também existem universais comuns, mas são universais⁹ da razão. Significa dizer que a razão aplica demonstração e argumentação sobre as noções adequadas do primeiro gênero, a fim de compreender toda a ordem de desdobramentos causais. Isto é, entender as causas precedentes é o que permite conhecer

⁸ Sobre os gêneros de conhecimento: Proposições 41 e 42 da Parte II.

⁹ Sobre a adequação dos universais, Espinosa (2004, p. 255) escreve: “As coisas que são comuns a todas as coisas e existem igualmente no todo e nas partes não podem ser concebidas senão adequadamente”.

verdadeiramente pela razão. Quanto mais completa a rede de ideias e causas verdadeiras, mais próximo se está do conhecimento adequado. É o gênero que entende as coisas como necessárias e permite o desenvolvimento de ideias adequadas.

Nesse cenário, é pertinente a exposição que faz Descartes (1996, p. 23) em uma de suas etapas para o conhecimento verdadeiro: “conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como degraus, até o conhecimento dos mais compostos”. Trata da busca da verdade por uma espécie de desenrolar dos conhecimentos, desenvolvendo-os gradualmente, conforme entende cada fase verdadeiramente.

Espinosa reconhece, obviamente, o valor da verdade dentro do campo do conhecimento. Mas amplia as concepções, passando a cultivar a busca pelo que chama de *adequação*. A ideia adequada é, sim, necessariamente verdadeira, mas se conceitua muito além: é a impressão absoluta da essência. Nas palavras do filósofo: “por ideia adequada entendo uma ideia que, enquanto é considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira” (ESPINOSA, 2004, p. 223-224).

Logo, adequação significa completude, significa compreender a essência, significa saber das causas inteiras. As próprias percepções de mundo formuladas por nós podem ser verdadeiras, mas nem sempre adequadas – para tanto, seria preciso entendermos até os mais inofensivos motivos e pretextos que compõem as relações antecedentes ao efeito que percebemos. Além disso, a adequação é absoluta. Independe de subjetividade e, portanto, existe para todos; é eterna, não deixa de ser, exatamente por transpor diretamente a essência das coisas (ESPINOSA, 2004, p. 264).

Em alusão ao gênero imaginativo mencionado acima, a inadequação deriva da incapacidade de conhecermos a integralidade de todas as coisas individuais, tampouco podermos saber de todas as cadeias causais precedentes. Convém ressaltar que inadequação e imaginação não são erros por si só: são, na realidade, ausência da integralidade do conhecimento, o que provoca conexões mutiladas (ESPINOSA, 2004, p. 251-252).

O terceiro gênero é denominado *ciência intuitiva*, precisamente por relacionar-se à intuição, dispensando a etapa de demonstração e argumentação. Também conhecimento adequado, de perfeição total, mas que aqui é atingido em um instante¹⁰.

¹⁰ Deleuze (2019, p. 85) se refere a “pensamento como relâmpago”.

Trata-se do conhecimento direto, não mediado e não comunicável por linguagem: conhecimento da substância. Conforme compreende as coisas através da intuição, mais a mente deseja compreender por esse meio – que, aliás, Espinosa (2004, p. 425) considera como virtude suprema e máxima satisfação da mente.

É mediante uma forma de comunicação mística que chegamos a esse tipo de sabedoria, que nos permite consciência da singularidade dos corpos e mentes – não se trata mais somente dos universais. Nas palavras do autor (2004, p. 424), “Quanto mais compreendemos as coisas singulares, tanto mais compreendemos a Deus”. Assim, se alcança o chamado amor intelectual de Deus¹¹, que é eterno, produto de um conhecimento eterno.

Da seguinte maneira explica Gilles Deleuze (2019, p. 67):

Para compreender o terceiro é necessário a partir de agora compreender o segundo. No terceiro gênero somente Spinoza entrou. Além das noções comuns... Vocês notaram que, se as noções comuns não são abstratas, elas são coletivas, elas remetem sempre a uma multiplicidade, mas elas não são menos individuais. Em que tal e tal outro corpo convêm, em que limite todos os corpos convêm; mas nesse momento o mundo inteiro é uma individualidade. Então as noções comuns são sempre individuais.

Em suma, na finitude da vida humana não cabe o conhecimento exaurido das causas adequadas. O que o homem consegue é atingir a adequação de apenas uma parcela de ideias, dentre a infinidade de ideias adequadas do mundo. A integralidade delas compete somente à substância, que além de causa primeira, é eterna o bastante para compreendê-las e infinita o bastante para tê-las em sua composição.

4. Modo e substância *sub species aeternitatis*

Interessa, agora, aprofundar as raízes do vínculo entre o humano e o divino. De plano, é certo que o homem faz parte da natureza. Na explicação de Deleuze (2019, p. 183), isso significa que possuímos parte da potência¹² absoluta que é inerente a Deus, de maneira que cada ser singular está em algum grau dessa potência. Claro, a intensidade de potência do ser pode ser aumentada ou diminuída, pela perspectiva do *conatus*.

Nesse sentido, a Demonstração da Proposição 4, IV Parte:

¹¹ Proposição 33 da V Parte.

¹² Por potência, entende-se essência atuante (ESPINOSA, 2004, p. 226).

A potência pela qual as coisas singulares e, conseqüentemente, o homem conserva o seu ser é a própria potência de Deus, ou seja, da Natureza (*pelo corolário da proposição 24 da Parte I*), não enquanto é infinita, mas enquanto pode explicar-se pela essência humana atual (*pela proposição 7 da Parte III*) (ESPINOSA, 2004, p. 347).

Conforme exposto anteriormente, a *essência* da substância é o *existir*, sendo ela a causa de existência, preservação e duração de toda a realidade que habita o campo da existência¹³. Os modos têm então uma existência que pertence à substância, e uma essência que foi por ela causada. Existem na substância sob a perspectiva da eternidade¹⁴. Claro, a essência particular de cada um se encontra em certa intensidade de potência e pode ser aumentada ou diminuída, pela perspectiva do *conatus* – que foi concebido pela própria substância. Escreve Espinosa (2004, p. 182): “Daqui se segue que Deus não só é causa por que as coisas começam a existir, senão também de que perseverem na existência [...]”. Significa dizer que Deus é a causa para que as coisas se preservem na existência.

Novamente, o dito grau de potência é conduzido em nós pelo *conatus*, em reação às reverberações que o mundo provoca, positivas ou negativas. Ocorre que é possível ao homem manejar essas afecções, superando os afetos imaginativos, sendo a razão capaz de propiciar afetos mais poderosos e adequados: os chamados afetos ativos. Isto é, utilizando da razão, o homem amplia o conhecimento das causas geradoras de seus afetos e, a partir de ideias adequadas, consegue afetos adequados. Inclusive, atinge assim um estado de alegria, prontamente provocando o aumento da sua potência de ser (ESPINOSA, 2004, p. 277-286).

Por certo, a adequação pode ser objeto do segundo ou terceiro gênero de conhecimento. Neste último, há uma via direta ao conhecimento da substância. De acordo com Deleuze (2019, p. 290) “(...) tendemos a concluir que o que pertence verdadeiramente à essência, são as ideias adequadas e os afetos ativos, a saber, as ideias de segundo gênero e as ideias de terceiro gênero”. Ou seja, a substância é totalmente feita de perfeição e completude, sendo que o conhecimento adequado que o homem

¹³ Proposição 25 da I Parte.

¹⁴ Proposição 22 da V Parte.

acessa é o mesmo que compõe a substância. Ao acessarmos um conteúdo que é da substância acessamos, conseqüentemente, sua eternidade.

Melhor esclarecendo, o conhecimento adequado é o que contém a verdade da essência das coisas e exprime, portanto, uma verdade de Deus. Além disso, comunica a eternidade de Deus¹⁵, a eternidade das essências; porque a essência e a realidade das coisas não pertencem ao tempo¹⁶. Nesse sentido, convém explicar a eternidade para Espinosa (2004, p. 151) como ausência de medidas de tempo: o que é eterno está fora de qualquer temporalidade. Por ser expressão da essência, não existe conhecimento posterior que possa mudar uma ideia adequada; isso significaria mudar a essência das coisas, o que não ocorre.

Assim sendo, percebe-se que a eternidade e a verdade pertencem à substância, e não à singularidade dos seres. De acordo com a Demonstração da Proposição 36, II Parte, “Todas as ideias existem em Deus e, enquanto estão referidas a Deus, são verdadeiras e adequadas” (ESPINOSA, 2004, p. 255). Vale esclarecer que tudo que existe, existe na substância¹⁷, e que toda ideia que existe na substância é verdadeira¹⁸, pois corresponde necessariamente à realidade do mundo. Ente absolutamente infinito, perfeito e absolutamente potente, sabe e é todo pensamento e toda extensão. Detém, logo, todo conhecimento adequado que há. Conhece toda verdade que há para se conhecer.

É a mente dos homens singulares, limitados à brevidade de seus modos, que se ocupam de ideias, percepções e afetos inadequados. Não há tempo para conhecermos tudo, tampouco verificar a totalidade de associações psicofísicas que nos acontecem. Todavia, retomando o processo de conhecimento esclarecido previamente, o homem dispõe de capacidades para ter ideias adequadas.

Quando conhece as essências verdadeiras, compartilha do conhecimento de Deus, que está fora das noções temporalidade humana. É nesse instante que conhecemos Deus, porque a verdade das coisas lhe pertence; e conhecemos como Deus. Aqui se forma a relação do ser humano com o divino, experimentando da eternidade das essências verdadeiras: *sub specie aeternitatis*. Cumpre lembrar que a eternidade aqui

¹⁵ “Ora, a eternidade pertence à natureza da substância” (ESPINOSA, 2004, p. 178).

¹⁶ Anteriormente à elaboração da *Ética*, na obra *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*, Espinosa (2012, p. 49) já havia definido as essências como imutáveis, e mantidas imutáveis por toda a eternidade.

¹⁷ Proposição 15 da I Parte.

¹⁸ Demonstração da Proposição 32 da II Parte.

tratada difere da noção de imortalidade: o homem, como modo, é mortal e finito, mas é também expressão de substância, eterna.

Espinosa (2004, p. 425-426) expõe que o homem pode conceber as coisas por duas perspectivas, sendo a primeira através das delimitações de tempo e espaço. A segunda maneira depende das concepções reais e verdadeiras, contidas na natureza divina: estas, por sua vez, o homem conhece sob a perspectiva da eternidade. Para tanto, precisamos compreender nossa própria essência, de corpo e mente, como eterna. A compreensão pela perspectiva da eternidade significa não conceber simplesmente a existência atual das coisas, mas sim a compreensão da *essência*. Ademais, a concepção do modo humano *sub specie aeternitatis* importa, necessariamente, no conhecimento de Deus. Isso porque qualquer conhecimento – qualquer verdade – que se dê sob a perspectiva da eternidade é alcançado através da essência de Deus.

Nesse ponto, não se trata mais de um conhecimento argumentativo. É um verdadeiro e direto conhecimento sobre a substância, intuitivo. Aqui o homem pode atingir a maior felicidade possível, partilhada com a substância: a beatitude. Ao conduzir o *conatus* pela razão, não somente experimentando da eternidade, estará também expandindo seu ser, aumentando sua potência de existir. O homem que compartilha da verdadeira essência das coisas é virtuoso; e é assim que se aproxima da liberdade em Deus, da beatitude.

5. Considerações finais

Em um primeiro momento, percebe-se a conexão entre o humano e o divino exatamente na evidente natureza das coisas: o homem, como modo finito, é uma unidade psicofísica de expressão da essência da substância, o existir, por meio dos atributos extensão e pensamento.

Diante disso, existe a possibilidade de aumentarmos essa conexão, exatamente pelo processo de conhecimento que nos leva à adequação das ideias – que pertencem integralmente à substância – ocasião em que se compartilha da adequação de Deus. É nessa circunstância que experimenta, com corpo e mente, da eternidade. Aliás, fala-se eternidade divina, que nada mais é que a ausência de medidas de tempo sobre a essência das coisas.

No desenvolvimento do caminho para o ser ético, Espinosa demonstra que é mais virtuoso aquele que age mais e padece menos: aquele que vive mais ativamente

seu *conatus*, conduzindo-o sob a razão, expandindo a existência do seu ser, contemplando mais afetos ativos do que passivos, conhecendo o que é útil para si e se tornando causa das próprias ações. A virtude suprema está em viver querendo compreender a vida e Deus, visando a beatitude: grau máximo de felicidade, liberdade e virtude.

Nesse sentido, a compreensão completa reverbera positivamente no *conatus*, afastando preconceitos sobre o mal, afastando afetos passivos, o que, conseqüentemente, provoca sentimento de alegria e aumenta a potência de ser. Através do conhecimento de Deus – do mundo, da natureza, de si, das coisas como são, do intelecto, da matéria – o homem consegue ideias e afetos adequados. Logo, o vínculo com Deus é também consequência do homem ético.

Diante das questões expostas, resta esclarecido que podemos não somente aumentar a potência individual partilhada da potência de Deus; mas podemos também provar da eternidade que compete a Deus e à essência das coisas. Para tanto, compete ao conhecimento da razão e da intuição compreender as causas e ordem de verdades que fundamentam cada afeto, cada ideia, cada repercussão corpórea e mental. Aliás, o homem pode buscar cada vez mais a compreensão sob a perspectiva da eternidade, adentrar mais na intuição e aumentar assim sua potência. Conhecer cada vez mais a si mesmo e a Deus, aproximando-se da beatitude: homem livre e ético, para Espinosa.

Referências

- DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza: Vincennes, 1978-1981*. Tradução Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior, Jefferson Alves de Aquino. 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2019. (Coleção Argentum Nostrum).
- DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ESPINOSA, B. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Prefácio Marilena Chauí; introdução Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Ericka Marie Itokazu; tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção FILÔ/Espinosa).
- _____. *Ética Demonstrada À Maneira dos Geômetras*. Tradução Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes, Antônio Simões. In: *Espinosa*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- JAQUET, C. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Tradução Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção FILÔ/Espinosa).
- NIETZSCHE, F.; SANTIAGO, H. Carta sobre Espinosa. *Cadernos Espinosanos*, [S. l.], n. 16, p. 131-137, 2007. DOI: 10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2007.89306.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/89306>. Acesso em: 6.out.2020.

SCRIBANO, E. Dio e natura. Da Descartes a Leibniz. *In*: Gianni Paganini (org.). *La filosofia dei moderni*. Roma: Carocci, 2020, p 89-112.

Recebido em: 08/12/2020

Aprovado em: 14/04/2021